

Código do Bom-Tom:

comportamento, saúde e regras de etiqueta para mulheres no manual de José Inácio Roquette

Fernando da Silva Sampaio¹

RESUMO: O presente trabalho analisa o uso de Manuais de Civilidade e Etiqueta criados com o intuito de “normatizar” a vida cotidiana. Esses Manuais passam a ocupar um importante lugar na educação de gestos e conduta pessoal. A sociedade assimila e divulga entre seus membros esse novo conceito de civilidade; aconselha à evacuação diária, banhos, troca de roupas, veta o espirro, coçar a cabeça, arrotos e outros. A mulher é percebida nesse contexto subjugada as regras de boas maneiras que visam transmitir cuidados que devem ser seguidos em espaços públicos e privados, para tal empreendimento recorreremos ao estudo da obra Código do Bom-Tom escrito pelo Cônego português J. I. Roquette publicado em 1845.

Palavras-chave: Etiqueta, Família, Educação, Feminilidade.

ABSTRACT: The present work analyses the use of Manuals of Civility and Etiquette when the daily life was created with the intention of “normalize”. These Manuals start to occupy an important place in the education of gestures and personal conduct. The society assimilates and spreads between his members this new concept of civility; advise to the daily evacuation, health-resorts, exchange of clothes, it vetoes the sneeze, to scratch the head, burps and others. The woman is realized in this context when the rules of good manners that aim to transmit cares that must be followed in spaces public and private were subjugated, for such an undertaking we resort to the study of the work Code of the Good-tone written by the Portuguese Canon J. I. Roquette published in 1845.

Keywords: Etiquette. Family. Education. Femininity.

Code of the good-tone:

Behavior, health and etiquette rules for women in manual José Inácio Roquette

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Graduado em História pelo Centro de Estudos Superiores de Caxias-CESC/UEMA. Professor substituto do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. E-mail: nandonet1@hotmail.com.

Introdução

A historiografia do século XIX assume uma representação de processo contínuo e retilíneo. A mulher é percebida através de uma exclusão porque essa corrente associa exclusivamente o político ao público, elegendo assim os homens como os únicos protagonistas.

Através do pensamento foucaultiano, passamos a perceber um novo processo de radicalização da própria percepção da historicidade de todos os objetos a serem trabalhados por este saber. Foucault passa a apresentar à história das veredas e dos atalhos², negando a corrente tida como “oficial” de que a história apresenta uma única estrada.

A história das mulheres passa a ser privilegiada, rompendo com o silêncio dos arquivos, os segredos dos sótãos e revivendo uma memória do privado, partindo desta concepção passamos a discutir a presença feminina no processo civilizador na Europa do século XIX.

A partir de finais do século XVIII, mas, sobretudo durante o século XIX percebe-se principalmente na Europa que toma força um novo conceito de boas maneiras, que passam a ser disseminados a partir de Manuais de Civilidade e Etiqueta descrevendo como devem ocorrer as atividades do viver em sociedade.

No século XIX vislumbramos o que Perrot (2006) descreve de aglomerações de indivíduos em tornos das novas cidades que estão sendo constituídas, advindo da expansão da Revolução Industrial, juntamente com este contexto emerge o aumento de insalubridade e doenças, decorrido das más condições de higiene, e o não preparo das “novas cidades” para o contingente de pessoas que adentram neste cenário.

O conceito de cidade muda de acordo com o contexto histórico observado. No século XIX as concepções de cidade se ressignifica, passa a entender o emergir da cidade não mais a partir da associação de agregados e células sociais básicas, como a família. Barros (2007, p. 37) passa a conceber cidade como uma: “superposição dos subsistemas de vida urbana, propondo superar os modelos reducionistas e esquemático de compreensão da cidade [...] em favor de modelos que captem a verdadeira complexidade urbana (‘estrutura de grelha’)”.

² Cf. Durval Muniz, descreve bem esse processo de (re)construção da visão sobre o objeto de estudo do historiador, a partir das concepções de Michel de Foucault. Cf ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: **História e Arte de Inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 149-164.

A Europa do Século XIX passa a vivenciar o que Berman (2007) descreve como o turbilhão de acontecimentos e mudança que modernidade desencadeia. A elite letrada europeia³ adota algumas regras e padrões, assim como procura regular condutas e posturas para os locais públicos, sobretudo os quais são de grande convivência social, além do espaço privado.

A fim de desconstruir a imagem de homem “canibal” que senta a mesa e degusta as carnes servidas em pedaços grandes com voracidade e logo após com o uso dos dedos retira os excessos de alimento, constroem-se normas úteis e de certo modo reveladoras de bons e de maus comportamentos. Tudo em nome da civilidade.

Neste trabalho passamos a compreender civilidade no sentido proposto por Nobeit Elias (1994), como um “processo” e um desenvolvimento que além do mais ainda continua e que adquiriu significado para o mundo Ocidental numa época em que a sociedade cavalheiresca e a unidade da Igreja Católica se desagregava.

Os manuais de condutas emergem da necessidade de sistematizar os comportamentos advindo de uma nova rede de sociabilidade introduzida pela sociedade do século XIX. Oposto aos códigos de etiquetas que compreendemos hoje que tem “a pretensão de enquadrar os corpos e reprimir o gesto espontâneo” (GONÇALVES, 2006, p. 110), o que é perceptível na Europa Oitocentista que se estabelece em boa parte, são normas de higienização e como proceder-las.

Além dos textos de higienização, um novo gênero literário adentra no século XIX, o uso de manuais de boas maneiras e comportamento. Regras de sociabilidade, falar e comer passa a fazer parte da listagem do índice desses manuais. E passa-se a destinar capítulos somente destinado aos comportamentos femininos moldando um perfil de moça/mulher de família.

Partindo da análise de Barros (2008, p. 47) sobre *O Processo Civilizador* de Nobeit Elias percebemos que “trata-se de uma cuidadosa análise social que objetiva mostrar como a interiorização de certos hábitos é o contraponto psicossocial de um Processo Civilizador [...]”.

O código do bom-tom

³ Neste trabalho passa a se definir como **elite letrada europeia** um grupo de indivíduos organizados ou não que através de uma escrita passa a divulgar na imprensa europeia do oitocentos um vasto conhecimento e “[...] buscam a criação e difusão da cultura e letras a serviço da ‘civilização humana’. Elas significam a busca por uma ruptura com as vinculações tradicionais [...]”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 9).

Código do Bom-Tom é o mais famoso e provavelmente o mais antigo manual de regras de civilidade e bem viver no século XIX, escrito pelo Cônego português J. I. Roquette publicado em 1845, introduz normas de como “cumprimentar e se comportar em festas, bailes, jantares e eventos da sociedade” (CUNHA, 2004, p. 1).

O que podemos definir de boa aceitação desse código de “bem viver” é evidenciado pelas várias reedições e acréscimo que são feitos ao longo da trajetória desse manual que passa a ser lidos em vários países europeus do oitocentos e adentra nas principais cidades do Império brasileiro, com destaque para Corte do Rio de Janeiro “e se tornou leitura obrigatória de uma aristocracia brasileira” (CUNHA, 2004, p. 1).

O Cônego José Inácio Roquette nasceu Alcabideche (Freguesia portuguesa), concelho de Cascais, em 1801,

[...] possuía extensa lista de serviços prestados aos setores mais conservadores de Portugal, sendo o mais expressivo seu apoio ao movimento anticonstitucionalista encabeçado por D. Miguel, que ascendeu ao Trono Português em 1832 após um golpe sucessório, apoiado por sua mãe, Dona Carlota Joaquina. Com a queda de D. Miguel do trono (1834), Inácio Roquete irá se exilar em Paris onde, certamente, se muniu as informações necessárias à redação de seu código. (GONÇALVES, 2006, p. 111).

O manual é escrito através das observações do que ocorriam nos setores mais refinados de Paris, com o intuito de que Portugal passe a fazer parte de um conjunto de nações civilizadas da Europa. Para isto descreve como uma espécie de um pai que repassa ensinamentos de comportamentos a seus filhos – Eugênia, de 8 anos e Teófilo, de 10 anos.

Os exemplos é parte integrante dessa obra, nas suas páginas Roquette percebe a existência de diferentes expectativas em torno do comportamento feminino e masculino, onde a ideologia de “naturalizar” os papéis sexuais é visível.

[...] meu filho, te separo hoje de tua irmã para te dar algumas advertências em particular. Bem quisera eu fazê-lo como até aqui, porém como nossos costumes, de **acordo com a natureza**, não prescrevam a vós os mesmos deveres pessoais, sou obrigado, para completar minhas instruções, a dirigir uma em particular a ti, assim como o farei igualmente a Eugênia. (ROQUETTE, 1997, p. 357, **grifo nosso**).

O *Código do Bom-Tom* tem seu objetivo principal traçar normas de condutas em reuniões sociais e no espaço público, partes dos conselhos são dirigidos preferivelmente a Teófilo, cabendo então a Eugênia “preferir o estudo e a vida doméstica aos passatempos

mundanos”, (ROQUETTE, 1997. p. 131), isto não irá impedir que em alguns momentos eles sejam dados somente a Eugênia e em alguns momentos à ambos.

As relações entre os gêneros são constituídos pelos diferentes modelos de feminilidade e masculinidade, concebido por uma hierarquia. O *Código do Bom-Tom* denota as distinções entre os papéis femininos e masculinos que continuaram nítidas em plena segunda metade do século XIX; a moral sexual diferenciada permanecia forte.

A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina [...] (BASSANEZI, 2008, p. 608-609).

Termos como mulher leviana, garrida e namoradeira passam a serem usados para as mulheres que não tem nenhuma ligação como perfil de mulher ideal “moça/mulher de família”. O *Código do Bom-Tom* não é o único manual ou tratado de civilidade e bons costumes elaborado com estes fins, questões semelhantes a estas já ocuparam os homens da Idade Média e da Antiguidade Greco-romana.

Porém não é nosso objetivo neste trabalho discutir todos esses manuais, por isso decidimos voltar à atenção para o manual elaborado por J. I. Roquette, deixando aos nossos amigos historiadores um espaço ainda pouco explorado para ser estudado.

Comportamento e condutas femininas

Alguns manuais de boa conduta – inclusive o *Código do Bom-Tom* – como observamos empregam os termos “moças de famílias” e “moças levianas”. A primeira definição – moça de família – estava pautada na moral que garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de “rainha do lar”. As levianas permitiam ter intimidade físicas com os homens, não apresenta uma conduta “ideal” – tudo que era vetado às moças de famílias permeava o mundo da moça leviana.

As *moças de famílias* eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem *mal faladas*. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio

enquanto aos rapazes era permitido ter experiências sexuais. (BASSANEZI, 2008, p. 610).

As *levianas* eram aquelas com quem os *rapazes namoram, mas não casam*. Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas *boas moças* para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos. (ibidem, p. 612).

Idealizada pela noção de ingênuas e perigosamente inconsequentes e de deslumbradas, a sociedade e os escritores de manuais de conduta, viam com grande medo de que as “mocinhas” se desviassem do “bom caminho”, a educação moral e a vigilância se faziam necessárias, “[...] tenta amoldar-se os comportamentos e impor-lhes gestos e posturas [...]”. (CORBIN, 2009, p. 565).

Os manuais eram enfáticos em suas mensagens, às mulheres aconselhavam o cuidado com o asseio, devido que algumas só tomavam banho em dia de festas e eventos sociais e ao invés do banho usavam apenas toalhas molhadas. O cuidado com os cabelos também era discutido, “não há objeto mais desagradável do que uma mulher desgrenhada ou mal penteada” (ROQUETTE, 1997, p. 380), após o banho deveriam logo cuidar de arrumar o cabelo, caso não pudesse fazer tal tarefa logo de manhã, usava-se toucas para esconder o desalinho.

O andar bem calçado era sinal de boa educação, vetava-se o uso de sapatos apertados – que se dificulta o andar – e largo – ao ponto de sair dos pés. Aconselhava-se o uso das cores branco para os dias de bailes e eventos de grande gala e o preto para as demais ocasiões. Se os sapatos não podem ser apertados muito menos o vestido. “Ficavam mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais [...]”. (BASSANEZI, 2008, p. 612).

Tem como regra geral [...] que o penteado, o calçado, os vestidos simples e modestos, tudo bem-feito, asseado, e bem-compostos; poucas cores vivas, e nunca contrastando umas com outras [...] darás provas de ter recebido uma boa educação, e te tornarás estimável a todas as pessoas [...]. (ROQUETTE, 1997, p. 391-392).

No contexto de mudanças sociais, culturais e econômicas, a formação de sensibilidade recatada e civilizada passa a ser o alvo da sociedade do século XIX. Passaremos a analisar como se dava essa noção de civilidade e bons costumes nos casamentos, bailes, reuniões noturnas e jantares.

Casamentos

O casamento-modelo era identificado pelos direitos atribuídos para homens e mulheres. As tarefas de casa – cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos – era considerada deveres da mulher, os homens neste espaço deveriam ser solicitados para realização de pequenos reparos. Aconselhava-se a mulher não discutir o papel da hierarquia no lar.

A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que *o marido era o chefe*, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, *a quem cabiam decisões supremas, a última palavra. Logo baixo vinha a autoridade da esposa [...] pertencia ao homem – de acordo com a natureza, Deus e o Estado – a direção da família*”. (BASSANEZI, 2008, p. 626).

A cerimônia de casamento era um evento de Igreja e Família. As senhoras deveriam apresentar-se com suas melhores roupas de gala, o asseio é indispensável para esta ocasião, pois depois do casamento, aconteciam bailes e as mulheres eram convidadas a dançar.

A noiva deveria se portar toda de branco – simbolizando a pureza e a inocência – “com grande véu, que lhe desce até os joelhos, toucado, grinalda e ramallete de flores de laranjeiras artificiais”, (ROQUETTE, 1997, p. 85). Todas as demais mulheres devem estar usando luvas, e as moças de cor branca mostrando o sentido de pureza.

Antes da cerimônia de casamento na Igreja, deveria oficializar-se civilmente “como em França, depois da grande revolução, o registro civil é separado do sacramento do matrimônio [...]” (ROQUETTE, 1997, p. 88), deveria ocorrer até um dia antes do casamento, levando o noivo entre duas a três testemunhas, terminando a mulher deveria ser levado para casa de seus pais, até aguardar o dia do casamento.

Nas normas de condutas para as mulheres em relação a casamento pautava essencialmente em se manterem virgens até o matrimônio. “As mulheres, depois de casadas, deveriam assumir novos comportamentos; suas novas funções exigiam novas posturas, um ar grave, demonstrando recato e seriedade”. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 127).

Dos bailes

Como afirma Nobert Elias (1994) o processo de condicionamento dos seres à moral vigente foi e é muito caro, o baile como espaço de sociabilidade está impregnando desta moralização e civilização.

Nos bailes a mulher representava um papel importante, e por ser um lugar de encontros, a atenção deveria ser voltada e este espaço também. “O salão parece ser mesmo um

espaço dominado pelas mulheres ou pelo menos, onde grande parte das atenções estava voltada para [elas]”. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 44).

As mulheres devem se portar a espera que alguém lhe chame para dançar, e neste momento o cuidado do falar do rapaz para com a moça era normatizados por manuais. “[...] quando foste tirar alguma senhora para dançar: ‘A senhora, ou V.S^a, V. Ex^a, que fazer-me a honra de dançar a primeira contradança, o primeiro *galope*?’”. (ROQUETTE, 1997, p. 148).

A relação com o cavalheiro deve ser de respeito recíproco, quando um homem chega para conversar, a moça deve responder, porém devia-se ter o cuidado para o não prolongamento das conversas, pois a moça de família poderia virar alvos de conversas no interior do baile.

“Regra Geral: evita quando puderes, mas sem afetação, o ter dares e tomares com homens que não conheces [...]” (ROQUETTE, 1997, p. 148), isto era fundamental para as boas donzelas, principalmente em lugares de grande concentração de indivíduos – ruas e bailes -, entretanto Roquete adverte que quando a senhora da casa ou homenageado dispor um estranho a dançar com uma mulher, esta deve ser polida e sensata nos gestos e fala.

Das reuniões noturnas

A mulher não pode dispor-se a sair sozinha para nenhum lugar mesmo em período diurno. A respeito das reuniões noturnas muito comuns no século XIX, com o objetivo de tomar chás, discutir assuntos da cidade, eventos político e até visita de familiares, a mulher de família fica subjugada a normas de etiqueta e civilidade.

Durante uma reunião a mulher deve evitar o falar – fazendo-o apenas quando necessário e caso haja poucos indivíduos no recinto – para evitar nomes com intrometida e deselegante.

A preocupação da mulher deve estar volta para outras tarefas “[...] e fica certa que nada dá melhor ar uma menina como a estar entretida em sua costura ou Bordados” (ROQUETTE, 1997, p. 185). Os momentos que se segue a reunião aconselha-se que a mulher trabalhe com bordados para ocupar o tempo, caso à senhora da casa ou até mesmo uma visitante comece a trabalhar, todas devem seguir o mesmo ritmo. É mister da mulher as prendas do que o discurso.

“Desconfia sempre, minha filha, das pessoas de tua idade e sexo que fazem roda à parte para falarem pela boca pequena, e para rirem às gargalhadas sem que se saiba qual é o

motivo de suas risadas” (ROQUETTE, 1997, p. 185). Atitudes como esta são repudiadas, pois era comparada com a postura de raparigas que não querem que se saiba o que elas conversam e reúnem-se em rodas de conversas.

Os “cochichos” também entram nesta característica, sendo assemelhado a fuxicos e mexericos, o qual não deve fazer parte da educação de uma moça de família. “A menina não fala baixo senão para a sua mãe [...]”. (ROQUETTE, 1997, p. 185).

Se deveres evitar intimidades nos bailes, as reuniões noturnas não ficam atrás. Os abraços, ósculos e apertos de mãos prolongadas passam a ser controlados. “[...] todas estas carícias são de mau tom [...]” (ROQUETTE, 1997, p. 185), mulheres que permitem tal intimidade mesmo que seja para com o mesmo sexo – a mãe e irmãs ficam fora deste contexto – podem ser vista como mulheres suscetível de maiores intimidades antes do casamento.

[...] o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual de não poderia resistir, mesmo que desejasse. (ELIAS, 1993, p. 196).

A moça de família era essencial que esta aprendesse desde cedo a fazer chá. No momento de reunião sempre havia um momento de tomar chás, caso a senhora da casa não possui-se uma menina para fazer tal tarefa, solicitar a qualquer uma das moças de fora que esta fosse aprontar o chá, no qual deferia ser acatado prontamente.

Dos jantares e banquetes

Os jantares e banquetes europeus, sobretudo o Francês, representava todo um jogo de requinte e luxo. Como proceder nestes lugares e como agir na mesa parece simples, porém Roquette (1999) afirma que “parece fácil sentar a mesa para comer, porém não é fácil como parece” (p. 191).

No próprio *Código do Bom-Tom*, J. I Roquete apresenta uma anedota vivenciada por Delille⁴, poeta de moda. Desde o sentar a mesa, a disposição de talheres, comer e beber, passam a ser “controlados” por normas de conduta variando em alguns momentos dependendo da localidade – França e Inglaterra por exemplo.

⁴ Nesta anedota Roquette relata alguns momentos de gafes do jantar que Delille participa em companhia de duques, marqueses, marechais da França. O uso inadequado do guardanapo, garfo, vinho e de alguns alimentos como aves e avo. Cf. ROQUETTE, José Inácio. **Código do bom-tom:** ou regras de civilidade e bem viver no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 191-192.

Algo particular no discurso de civilidade é a quantidade de usos de “nãos” que são percebidos: “[...] **não** engulais com precipitação [...] **não** assopreis a sopa quando está muito quente [...] **não** masqueis de maneira que se ouça duma ponta da mesa à outra [...]” (ROQUETTE, 1997, p.198, **grifo nosso**).

O uso de bebidas nos jantares de honras deve ser sóbrio para o homem, a mulher não deve fazer uso do vinho até a idade de quarenta anos, salvo em caso que algum médico indique para tratamento, ou em momentos de brinde que deve ser feito com vinhos leves. Mesmo nos jantares a discrepância dos sexos fica nítida.

A mesa deve estar posta antes que os convidados cheguem ao recinto, com todos os acessórios dispostos, criados preparados e alimentos em ponto de servir. A recepção inicial deverá ser feita pela dona da casa que cuidará em acompanhar os convidados para o local do jantar.

A Senhora da casa deve cuidar junto aos seus criados para que haja uma mesa farta para seus convidados, fica de mau tom que algum convidado levante-se sem se saciar por completo.

O homem quando sentar ao lado de uma mulher deve-se dispor a servi-la em todo o momento do jantar, trocar o prato quando já tiver servido de alguma iguaria, limpando antes com um guardanapo, quando o copo de água ficar vazio deve fazer a reposição obedecendo sinal de “basta” da senhora. O vinho deve ter cuidado, antes perguntando se queres beber algo e qual o tipo de vinho que desejas.

Como já percebemos a discrepância em relação ao sexo em outros momentos, Roquette (1997) descreve como o convidado do sexo importa nas escolhas das iguais e na disposição da mesa:

Num jantar de homens, devem os pratos de iguarias fortes e succulentas, acepipes quentes, veação, lombo de vaca, presuntos de fiambre, assados com abundância, nada de massas leves, e ainda menos pratos do meio doce. [...] frutas confeitadas ou em calda de licores [...] alguns doces secos, só para ornato da mesa. (p. 209).

Num jantar de senhoras, deve ser o contrário: acepipes frios, peixe fresco, caça fina, muitas massas delicadas, verduras novas, cremes, natas aromatizadas de baunilha [...] muitos docinhos [...] nos jantares em que há senhoras e homens se faz um sortimento de todas as coisas para que possa cada um escolher segundo o seu gosto e paladar. (ibidem, p. 210).

A regra geral dos banquetes era se portar conforme os anfitriões e fazer uso dos convites feito pelos mesmos, durante o jantar. O bom homem e a boa moça/mulher de família deve ter o cuidado ao comer, pois este mostra como é a educação em casa.

Saúde

É interessante percebermos que as indicações proposta por Roquette podem ser aliadas à percepção do movimento higienista e seu discurso como fruto da tentativa de educar os corpos e mantê-los saudáveis. Esse discurso, que vigora nitidamente entre o final do século XIX e início do século XX, adentrava no cenário brasileiro, trazendo um novo ideal, cuja preocupação passa a ser a saúde da população, coletiva e individual. (GÓIS JUNIOR; LOVISOLO, 2003).

Se o processo civilizador pretendia afastar o sentido de barbárie no cenário europeu, Góis Junior mostra-nos que, através da educação do corpo, o movimento higienista, a nível de Brasil, partia do mesmo princípio:

Muitos ‘higienistas’ tomavam como referência a ideia que preconizava ser a falta de saúde e educação do povo responsável por nosso atraso em relação a Europa. A situação de miséria do Brasil tinha explicações em fatores sociais, e, por esse motivo, julgavam poder cumprir, com o simples apoio financeiro do Estado, o papel modernizadores do Brasil [...] por meio da educação se formaria uma cultura brasileira e um povo mais saudável (p. 48).

Assim, Roquete durante seu manual não descuida de deixar informações para Eugênia com o cuidado à saúde – que podemos lê como uma das premissas da civilidade:

A primeira coisa que te recomendo é o asseio constante: porque tenho visto muitas meninas de tua idade que guardavam limpar os dentes, as orelhas e as unhas para os dias de festa ou de baile: este cuidado deve ser diário; mas não gastes muito tempo, e com o pretexto de seres asseada não sejas perluxa (ROQUETTE, 1997, p. 379).

Não basta apenas saber se portar nos locais públicos, as mulheres deveriam manter sua saúde. O banho torna-se um dos elementos mais apontados no manual para minimizar os males físicos, ou seja, o deve-se cuidar com o corpo, mas, esse cuidado não pode ser exagerado, pois, representaria um lado negativo para a mulher.

O banho, o lavar as mãos, cuidado com os cabelos e as trocas das roupas íntimas, além de estarem vigorando no manual como uma indicação de mulher e moça descente e educada,

nos reporta também ao cuidado com a higiene corporal, fato que vigorou durante toda a passagem do oitocentos.

Pessoa (2009) ao analisar jornais do século XIX na cidade de Caxias-Maranhão, verificou que eles noticiavam alertas sobre melhoramentos da cidade e da própria vida dos moradores. E, esse discurso partia de uma fina elite caxiense que buscava vivenciar esse novo modo de viver.

No Maranhão, havia uma preocupação com a prevenção de doenças endêmicas ou epidêmicas, como a bexiga, por exemplo, controlada por vacinação. [...] Caxias era uma das cidades maranhenses que possuíam uma equipe de vacinadores. Contudo, não era suficiente para uma localidade que reclamava por maior número de ruas calçadas e que só passou a ter água encanada, em reduzido número de residências, no final do século XIX.

Destarte, o cuidado com o corpo, não era somente questão de etiqueta e evitar doenças, mas, também, para evitar a degradação do homem/mulher. Nesse momento, passa a se incluir uma preocupação com os vícios, as bebedices, o ócio e outros que poderiam prejudicar o corpo. E, essas práticas deveriam ser evitadas pelas moças e mulheres de família.

Conclusão

A segunda metade do século XIX é marcada pela tentativa de civilizar os corpos, para romper com quaisquer traços que denote “atraso” no processo de modernização e civilidade européia. Onde compreendemos que este processo se torna gradativo e de objetivo de uma elite européia.

Analisar como os homens foram instigados a tornarem-se educados e começarem adquirir boas maneiras foi a questão principal deste trabalho, evocando primordialmente a visão dos corpos femininos intitulados de moça/mulher de família que permeia todo o oitocentos, não somente no nível europeu, como brasileiro e local da cidade de Caxias-Maranhão.

O cuidado com os corpos, o conjunto de regras de boas maneiras, a disseminação de práticas e discursos sobre a etiqueta, contidos na fonte analisada – o manual de etiqueta de J. I. Roquette –, constituiu manifestação de um discurso de bem-viver no oitocentos, que nos remete a expressão e teoria cunhada por Nobert Elias de Processo Civilizador. Onde se percebe que os padrões de comportamentos e condutas definem uma crença de civilidade, propondo modelos geradores para os comportamentos adequados em uma sociedade.

Com grande atenção, Roquette delimita em seu manual de regras e bem viver no século XIX, “todo” o processo de conduta humana, as principais situações da vida social e de convívio, com a mesma “naturalidade” que fala das questões mais elementares e sutis das relações humanas.

Os manuais de etiquetas se estabelecem como um palco, onde as representações sociais são gestadas e legitimadas. A imagem feminina apresenta-se pelos planos de civilidade, atuação higienista, representações e discursos que emergem no cenário citadino, exercendo um papel de classificação dos seres, construída e veiculada.

Desta forma, a mulher é idealizada como moça, mãe e mulher de família, cabendo a ela um cuidado com as vestimentas, a apresentação social, o zelo pelo lar, a família e além de um cuidado com a mesa (no que tange aos rituais de comensalidade).

Junto a este ideário, criam-se representações comportamentais ancoradas na ideia de progresso e civilidade, contribuindo para a construção de um padrão de conduta para os grupos sociais, objetivando assim, a não degradação do seres e que a mulher não caia em uma indecência com seu próprio corpo.

O que nos fornece subsídios para compreender as relações de gênero que vem se estabelecendo na historiografia, que se torna importante para conhecer o caminho percorrido pela história das mulheres e de gênero no século XIX, e entender como ocorria o processo de representação feminina. E entender o processo que levou a mulher a ser inserida nesse contexto se torna importante para compreensão de atitudes vivenciadas em nosso tempo, pois é bem possível que nosso estágio de civilização venha a despertar um grande questionamento para futuras gerações, da mesma forma que a dos nossos ancestrais ocasional.

Referências

Livros

- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. Teresina: Edições Bagaço, 2005.
- ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**. Volume 1. Tradução de Ruy Jungmann; revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

_____. **O processo civilizador**. Volume 2. Tradução de Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.
FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2009.
GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Seleção de Textos e Introdução de Stella Bresciani. 4ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2006.
PESSOA, Jordania Maria. **Entre a tradição e a modernidade**: A belle époque caxiense, práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. Imperatriz: Ética, 2009.
ROQUETTE, José Inácio. **Código do bom-tom**: ou regras de civilidade e bem viver no século XIX. Organização de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Capítulos de livro:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: **História a Arte de Inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 149-164.
BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
CORBIN, Alan. Os Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.) **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009, p.387-568.

Artigo de periódicos:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. De amadores à desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito de conhecimento no Ocidente. In: **Trajetos**. Fortaleza/CE, v. 03, n. 06, 2005. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/Durval/acadêmico/artigos.htm>>. Acesso em: 24.01.13 – 00:03h.
GOIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo. Descontinuidades e Continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, vol 25, n. 1, set. 2003.

Trabalho apresentado em evento científico:

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Os dizeres das regras**: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3.,2004, **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. 1 CD-ROM.

Recebido em: 05 de junho de 2013

Aprovado em: 15 de agosto de 2013